

e4034

Data de submissão:

10/10/17

Data de aprovação:

02/01/18

Data de publicação:

28/3/2019

Editores de seção:

Marli Hermenegilda

Pereira, Ângela Marina

Bravin dos Santos,

Fernanda Lessa Pereira,

Gilson Costa Freire e

Wagner Alexandre dos

Santos Costa.

Mídias sociais como ferramenta para aprendizagem da língua portuguesa na educação de surdos: novas estratégias através do uso do Facebook e WhatsApp

Daniele Pereira dos Santos Magon

<http://orcid.org/0000-0002-2178-0849>

Universidade Federal Fluminense, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos – Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Ana Regina e Souza Campello

<http://orcid.org/0000-0003-1464-9524>

Instituto Nacional de Educação de Surdos, Departamento de Ensino Superior – Laranjeiras, Rio de Janeiro, Brasil.

RESUMO

Atualmente a utilização de mídias sociais tem-se mostrado excelente ferramenta de ensino-aprendizagem no contexto escolar. Diante disso, o presente trabalho apresenta alguns resultados de pesquisa de mestrado realizada durante o ano de 2015, na qual se investigou, entre outras coisas, como o uso das redes sociais estimula e potencializa a aquisição do português escrito como segunda Língua para os surdos através do uso do *Facebook* e o *WhatsApp*. Para compreender quais estratégias favorecem o aprendizado da modalidade escrita da Língua portuguesa, a pesquisa baseou-se nos estudos realizados por Quadros, Karnopp, Silva, Favorito, entre outros pesquisadores e analisamos os pressupostos teóricos da Educação Bilíngue, subjacentes à lei nº 10.436 e ao decreto nº5626. Para coleta de dados, houve observação participante durante os atendimentos na sala de recursos, anotações de campo e transcrição dos diálogos virtuais do *Facebook* e do *WhatsApp*. A análise dos dados foi conduzida pelo aporte teórico da etnografia e netnografia combinada com pesquisa-ação. Os participantes da pesquisa foram: quatro surdos (não oralizados), que utilizam a Libras como primeira Língua (L1), matriculados em uma Escola Municipal da Baixada Fluminense/RJ, com idades entre 15 e 18 anos. Os resultados indicaram que interações utilizando o português escrito através de mídias sociais como ferramenta utilizada por profissional bilíngue, no contexto da surdez, favorece a aprendizagem de segunda Língua pelo surdo.

Palavras-chave: Surdos. Português como segunda língua. Mídias Sociais.

Social media as a tool for learning the Portuguese language in deaf education: new strategies through the use of Facebook and WhatsApp

ABSTRACT

Currently the use of social media has proved to be an excellent teaching-learning tool in the school context. Therefore, the present study presents



some results of a master's research conducted during the year 2015, in which it was investigated how the use of social networks stimulates and potentiates the acquisition of written Portuguese as a second Language for the deaf through the use of Facebook and WhatsApp. In order to understand which strategies favor learning in the Portuguese language, the research was based on the studies carried out by Quadros, Karnopp, Silva, Favorito, among other researchers and analyzed the theoretical presuppositions of Bilingual Education, underlying Law 10.436 and decree n ° 5626 For data collection, there was participant observation during the resource room appointments, field notes and transcription of the virtual dialogues of Facebook and WhatsApp. The analysis of the data was conducted by the theoretical contribution of ethnography and netnography combined with action research. The study participants were: four deaf (non-oralized) children, who use Libras as the first language (L1), enrolled in a Baixada Fluminense Municipal School / RJ, aged between 15 and 18 years. The results indicated that interactions using Portuguese written through social media as a tool used by bilingual professionals, in the context of deafness, favors the learning of second language by the deaf.

Keywords: Deaf people. Portuguese as a second language. Social media.

INTRODUÇÃO

A partir da década de 60, pesquisas realizadas no âmbito da linguística constataram que a Libras tem todos os requisitos que conferem a ela status de Língua (QUADROS; KARNOPP, 2004). Diante disso, a modalidade gestual passou a ter novos olhares, mas foi somente em abril de 2002, que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é oficialmente reconhecida, através da lei n° 10.436, como sendo o meio de comunicação dos surdos brasileiros. No seu primeiro artigo e parágrafo único, deixa claro o que é a Libras “sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL n° 10.436/ 2002).

Assim, com o reconhecimento da Libras como língua de uma comunidade, ela se torna também instrumento de empoderamento que permitiu aos surdos espaços para discussões referentes a abordagens sobre que tipo de educação seria a mais adequada. Após quatro anos da lei que reconhece a Libras, surge o decreto n°5626, marcando uma grande conquista concernente aos surdos, pois lhes traz diversas garantias educacionais, dentre elas “professor para o ensino de Língua Portuguesa” e “acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva”. (BRASIL, N° 5.626/ 2005).

Verifica-se que é incentivado e garantido o acesso às novas tecnologias e presença

do professor para o ensino do Português como segunda Língua (L2) para surdos, mas essa não é a realidade encontrada nas instituições de ensino. Diante desse fato, surgem questões sobre o motivo de tal fato: descumprimento da lei? Falta de preparo docente? Desinteresse do surdo? Escassez de material didático? Ou uma combinação desses fatores? Tais indagações são importantes e necessárias para uma prática docente eficiente que não reproduza modelos inapropriados de ensino, que levam os surdos a serem estigmatizados como incapazes de aprender o português escrito. A preocupação com o ensino-aprendizagem do português escrito para surdos, assim como a prática docente no que tange a esse processo, é um assunto que vem ganhando atenção nos últimos anos, pois grande parte dos surdos no Brasil apresenta defasagem ao longo da vida escolar.

Em vista disso, este trabalho amplia as possibilidades na área de ensino do português escrito para surdos, a partir de experiência realizada através de mídias sociais como ambiente de aprendizagem.

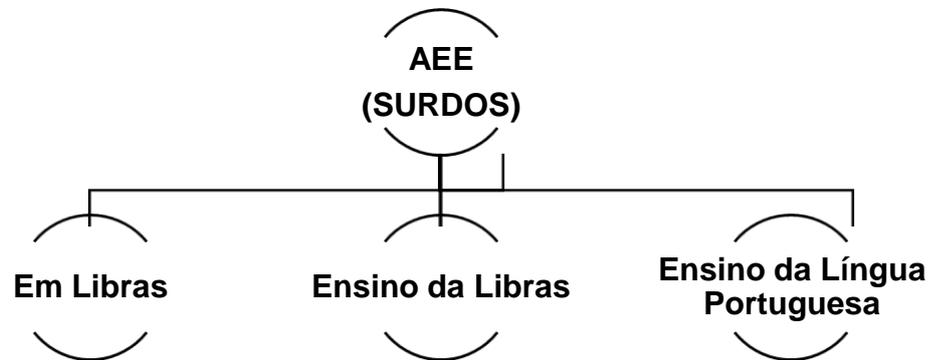
EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

Os movimentos surdos defendem atualmente escolas e as classes bilíngues como mais apropriadas na educação de surdos (REZENDE, CAMPELLO, 2014; FAVORITO; SILVA, 2008). Uma conquista recente foi o direito à Educação Bilíngue:

[...] garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos. (BRASIL, 13.005/2014, s/p, grifo nosso).

Conforme observado, os movimentos surdos desejam que seja ofertada a modalidade escrita da Língua portuguesa, ressaltando assim, a importância de atentar para essa necessidade. Embora o ideal seria a existência de escolas e classes bilíngues. A atual realidade são escolas inclusivas, onde o surdo tem acesso ao aprendizado da modalidade escrita de sua segunda Língua, através do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Segundo Damázio (2007), a organização do AEE para atender os surdos se daria da seguinte forma:

Figura 1 – Divisão do AEE para surdos (DAMÁZIO, 2007)



O AEE é considerado como “o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular” (BRASIL. Nº 6.571/2008). Para Favorito (2008), existe a possibilidade de criação “de turmas de alunos surdos, na escola regular, desde que haja investimento na formação do profissional que irá atuar com eles” (FAVORITO; SILVA, 2008, p. 40). Portanto, podemos dizer que embora o AEE, não seja efetivamente uma turma de alunos surdos, pode ser organizada de tal modo, com o objetivo de pôr em prática o que é garantido em lei para os surdos referente ao aprendizado do português (Figura1).

O AEE possibilita uso de recursos, podemos incluir os tecnológicos, para desenvolvimento de capacidades linguísticas em L1 e L2. Porém, ao professor atuante nesse espaço, será necessário conhecimento prévio acerca das necessidades educacionais desse alunado, assim como das especificidades referentes ao ensino de uma língua escrita totalmente distinta do dia a dia comunicacional do surdo, para que uma abordagem bilíngue seja utilizada.

Mídias sociais como ferramenta para aprendizagem da L2

Atualmente, a nova realidade tem sido o avanço das tecnologias digitais. Cada vez mais pessoas estão conectadas através de dispositivos eletrônicos e trocam mensagens para tratar de assuntos pessoais ou profissionalmente por meios de mídias sociais como

WhatsApp ou *Facebook*. Segundo dados publicados na página oficial do *Facebook*¹ até o último ano eram 102 milhões de brasileiros utilizando a rede social todos os meses. O Estadão online², em 29 de maio do presente ano, através do aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, divulgou que o Brasil possuía até aquela data 120 milhões de usuários mensalmente ativos.

Dentre esses usuários de redes sociais e de aplicativos de mensagens, encontramos os surdos, que os utilizam com a mesma finalidade dos ouvintes: compartilhar momentos, imagens, trocas de experiências, ou seja, para diversos fins. Assim, tornam-se uma ferramenta produtiva, pois refletem o interesse social do surdo de pertencimento a uma sociedade digital. Logo, a associação de métodos de ensino de segunda Língua com mídias sociais torna-se uma excelente estratégia de ensino do português escrito para surdos.

METODOLOGIA

O experimento foi realizado em uma Escola Municipal da Baixada Fluminense/RJ. A pesquisa foi conduzida pelo aporte teórico da etnografia e netnografia combinada com a pesquisa-ação. Os participantes da pesquisa foram: quatro surdos (não oralizados), com idades entre 15 e 18 anos, usuários da Libras como primeira Língua (L1), apresentando conhecimento prévio de palavras básicas do português. Para coleta de dados, houve observação participante durante os atendimentos no AEE, anotações de Campo e *print* dos diálogos virtuais do *Facebook* e do *WhatsApp* (figura 2).

¹ <https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>.

² <http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,whatsapp-chega-a-120-milhoes-de-usuarios-no-brasil,70001817647>.

Figura 2 – Captura de imagem através do recurso “*printscreens*”



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatamos que as mídias sociais favorecem a interação e realmente facilitam a aprendizagem do Português escrito sem traumas para o surdo, ou seja, no sentido que não é encarado como uma obrigação penosa ler e escrever. Entretanto, atribuir esse resultado ao uso das mídias sociais, seria um engano, pois verificamos que a mediação bilíngue foi o fator chave para o sucesso durante as interações. Conforme se percebe nos trechos a seguir, que revelam as estratégias de representação do pensamento do aluno, tendo como base a sua Língua materna, a Libras (L1).

[4/7/2015, 15:09] Aluno A4: Estou na casa do meu namorado

Estou na casa do meu casado

Estou na casa da minha casada

Estou na minha casa

[4/7/2015, 15:10] Aluno A4: É fácil

[18/7/2015, 14:34] Pesquisadora: Entendi. Você quer trabalhar fazendo o quê?

[18/7/2015, 14:40] Aluno A4: **Eu quero ser fotografia profissional**

[18/7/2015, 17:54] Pesquisadora: Legal. **Fotografia é igual foto**

[18/7/2015, 17:55] Pesquisadora: Mas trabalho é fotógrafo

[18/7/2015, 17:55] Pesquisadora: **Você quer ser fotógrafo profissional**

[18/7/2015, 18:17] Aluno A4: Claro que sim

Quando o surdo escreve: *Eu estou na casa da minha namorada.* / *Eu estou na casa da minha casada*/ *Eu estou na casa do meu casado*/ *Quero ser fotografia profissional*. Verifica-se a construção da frase tendo como referência sua L1, pois em Libras ao sinalizar esposa ou marido utilizaria a seguinte sequência de sinais:

MULHER + CASADO = ESPOSA
HOMEM + CASADO = MARIDO

Observamos que não é necessário ensinar o conceito de esposa ou marido em Libras para o surdo, pois o mesmo já o tem em sua mente, porém ainda não sabe representá-lo através do português escrito, visto ser sua L2. Daí a importância de mediador bilíngue, pois segundo Silva “[...] as pessoas bilíngues, ao participarem de uma instância interativa monolíngue, nunca desativam totalmente a outra língua” (SILVA, 2001, p. 35). Caso a mediação seja feita por profissional que desconhece a Libras não entenderá o porquê de tal construção realizada pelo surdo.

Nos trechos a seguir, observamos que a intervenção foi possível, pelo conhecimento prévio que a pesquisadora possui acerca da Libras e suas singularidades.

[4/7/2015, 15:32] Pesquisadora: **Você escreveu meu casado**
[4/7/2015, 15:32] Pesquisadora: Minha casado
[4/7/2015, 15:33] Pesquisadora: **Em português: a mulher é esposa**
[4/7/2015, 15:33] Pesquisadora: **O homem é marido**
[4/7/2015, 15:33] Pesquisadora: **Estou na casa do meu marido**
[4/7/2015, 15:33] Pesquisadora: **Estou na casa da minha esposa**
[4/7/2015, 15:34] Pesquisadora: Não escreve estou na casa do meu casado
[4/7/2015, 15:34] Aluno A4: **Casada é diferente esposa?**
[4/7/2015, 15:34] Aluno A4: Ah
[4/7/2015, 15:35] Aluno A4: **Entendi**

Em outro momento, ao introduzir as frases: ANO PASSADO, ESSE ANO, ANO QUE VEM (figura 3), foi necessário contextualizar para que os alunos entendessem em quais contextos poderiam ser utilizadas na escrita.

Figura 3 – Sinais filmados referente as frases: ANO PASSADO, ESSE ANO, ANO QUE VEM



Percebe-se, no trecho abaixo, que uma das alunas (em sublinhado), a princípio escreve “2016 futuro ano”, porém, em seguida já utiliza a frase “ano vem 2016”.

- [17/7/2015, 20:22] Pesquisadora: Qual é o ano passado? 2014,2015 ou 2016?
 [17/7/2015, 20:23] A2: 2016 futuro ano
 [..]
 [17/7/2015, 20:26] Pesquisadora: Qual é esse ano? Agora?
 [17/7/2015, 20:27] A3: É 2015 ?
 [17/7/2015, 20:27] Pesquisadora: E qual é o ano que vem?
 [17/7/2015, 20:28] A2: Ano vem 2016
 [17/7/2015, 20:28] Pesquisadora: Ano que vem 2016
 [17/7/2015, 20:29] A2:
 [17/7/2015, 20:30] Pesquisadora: Ano passado você estudou em qual? 6, 7, 8 ou 9
 [...]

Os recortes de diálogos deixam clara a importância de intervenções por parte do professor para que conduza o surdo a realizar construções de significado e possibilidade de internalização da forma escrita de forma natural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O experimento trouxe resultados indicando que a utilização de mídias sociais, numa perspectiva bilíngue, possibilita uma aprendizagem mais natural da leitura e escrita do português pelo surdo. Não havendo necessidade de submeter o surdo à repetição de

palavras e frases, a fim de tentar massificar em sua mente como se dá a construção das frases em português. O uso de mídias sociais possibilitara interações significativas, portanto uma ferramenta útil a ser utilizada nos processos de ensino- aprendizagem de segunda Língua, tornando-se um caminho a ser trilhado pelo professor a fim de desenvolver o português como L2 para o surdo. Entretanto, fica evidente que a mediação realizada por profissional bilíngue é essencial para práticas que respeitem as especificidades referentes à educação dos surdos. Ainda existem inúmeros desafios a serem superados quando se trata da educação de surdos no Brasil, porém refletir sobre nossas práticas e o impacto delas para a vida de nossos alunos pode auxiliar na busca de estratégias que não reproduzam práticas excludentes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Seção 1, Edição Extra.
- BRASIL. Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005.
- BRASIL. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9,394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 set. 2008.
- BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002.
- CAMPELLO, A. R. S.; Rezende, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa de educação bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. *Educar em Revista* (Impresso), v. 2/2014, p. 71-92, 2014.
- DAMAZIO, Mirlene Ferreira Machado. *Atendimento educacional especializado: pessoa com surdez*. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.
- FAVORITO, W.; SILVA, I. R. *Surdos na Escola: Letramento e Bilingüismo*. Cefiel/IEL/Unicamp. 2008.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira*. Estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus, 2001.

Daniele Pereira dos Santos Magon

Mestre em Diversidade e Inclusão (CMPDI) pela Universidade Federal Fluminense (2015), Especialista em Libras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012) e graduada em Letras pela Universidade Salgado de Oliveira (2010). Atualmente, é professora de Libras da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem experiência na área de Educação e Ensino, com ênfase em letramento e Educação Inclusiva, voltada ao ensino da Libras e de Surdos. Possui Proficiência em Libras (PROLIBRAS).

Ana Regina e Souza Campello

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996), graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula (1981) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Tem experiência na área de Educação e Linguística, com ênfase em Educação Bilíngue, Inclusiva e Sociolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: língua de sinais, educação dos Surdos-Mudos, Educação Inclusiva, intérprete de língua de sinais, comunidade surda-muda e defesa dos Direitos dos Surdos-Mudos. Proficiência em PROLIBRAS e da Língua Portuguesa (CELPE). Atualmente, sou Professora Adjunta do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos na disciplina: Estudos Surdos e Prática Pedagógica. Também ministro Ensino de Línguas: LSB e Professora Colaboradora de uma das Disciplinas de Estudos da Tradução na UFSC - Santa Catarina e do CMPDI - Curso de Mestrado Profissional Diversidade e Inclusão da UFF - Universidade Federal Fluminense, nas disciplinas Libras II e III, e ASL. Participo como Vice Coordenadora do NPDIS desde 2013 e Coordenadora do Projeto de Pesquisa do DESU/INES: Instrução em Libras como L1 e L2 desde 2015. Coordenadora do GT da ANPOLL e Coordenadora do GT Ensino de Libras como L1 e L2 da ABRALIN.